

ENTRE “TRETAS” E NOS “ENTRETANTOS”: UM *BOM-CRIOULO*

BETWEEN “DISAGREEMENTS” AND “ADVERSITIES”: A BOM-CRIOULO

Fernando Tadeu Triques
UFSCar

Resumo: O cerne do presente artigo restringe-se à tentativa do estabelecimento das interações entre as posturas naturalistas, tanto temáticas quanto estilísticas, assumidas por Adolfo Caminha na elaboração do romance *Bom-Crioulo* – que teve sua primeira edição em 1895 – e alguns pareceres críticos a respeito da obra veiculados em jornais e revistas do último quartel do século XIX. Entre elogios e detratações, entre tretas e estratégias, entre intrigas e apadrinhamentos, os artigos e as respectivas respostas evidenciam os meandros da crítica literária brasileira da época, com seus valores e preconceitos, grupos e facções, bem como suas estratégias e interesses. No entanto, o que fica evidente é o propósito do autor em elaborar uma obra de qualidade, dentro das suas preocupações artísticas, e procurar romper barreiras morais em busca de novas situações estéticas.

Palavras-chave: Adolfo Caminha. Bom-Crioulo. Naturalismo. Recepção.

Abstract: *The present article refers to an attempt to establish interactions between naturalistic postures, both thematic and stylistic, assumed by Adolfo Caminha in the elaboration of the Bom-Creole novel - which had its first edition in 1895 - and some critical opinions about the work published in newspapers and magazines from the last quarter of the 19th century. Between praise and depreciation, between disagreements and strategies, between intrigues and sponsorships, articles and answers to evidence questions about the intricacies of Brazilian literary criticism at the time, with its values and prejudices, groups and factions, as well as its strategies and interests. However, what is evident is the author's objective in a quality work, within his artistic concerns, and try to break moral barriers in search of new aesthetic situations.*

Keywords: *Adolfo Caminha. Bom-Crioulo. Naturalism. Reception.*

INTRODUÇÃO

Pode-se considerar que, no último quartel do século XIX, a expansão das editoras brasileiras fez parte de um processo generalizado, de âmbito mundial, particularmente de origem europeia, envolvendo a manufatura e a difusão de livros, revistas e jornais. Era necessário, na perspectiva eurocêntrica, disseminar parâmetros socioculturais que confirmassem o alcance das influências econômicas e dos domínios políticos e ideológicos das potências industriais da época.

Como indício de tais reflexos no Brasil, a revista *A Estação – jornal ilustrado para a família* é exemplar. Constituiu-se num guia ou manual de instruções de variedades e de modelos a serem seguidos, editado pela livraria e tipografia H. Lombaerts & Cia., com sede na Rua dos Ourives n. 7, no centro do Rio de Janeiro, e administrada pela família de Jean Baptiste Lombaerts (infere-se, por exemplo, na Figura 1 que o piano é referência de bom gosto e de ambientação sofisticada para quem deseja um comportamento considerado superior).



Figura 1- O piano como requinte social.
Fonte: *A Estação* (1889, p.1)

Sucedâneo da versão francesa *Le Saison*, o jornal circulou com sucesso na cidade do Rio de Janeiro de 1879 até 1904, por quinzena. Segundo o editorial de estreia, datado de 15 de Janeiro de 1879, a pretensão era “criar um jornal brasileiro indispensável a toda mãe de família econômica que deseja trajar e vestir suas filhas segundo os preceitos da época”¹. Impresso na Alemanha, com alta qualidade de estampa, a revista era dividida em duas partes: a “literária” – com textos de, entre outros, Arthur Azevedo, Olavo Bilac, Júlia Lopes de Almeida, Luiz Murat, Raimundo Corrêa – era totalmente confeccionada no Brasil, e a “estrangeira”, que, a exceção do texto de abertura, reproduzia os conteúdos destilados pela prestigiosa revista *Die Modenwelt* (O Mundo da Moda), publicada em Berlim pela editora Lipperhide e distribuída em inúmeros países, com versões em

1. ¹ Corroborando a ideia de difusão, no exemplar de 15 de março de 1883, ficou o registro do editor: “cada assinante representa, termo médio, dez leitores, o que nos dá uma circulação de 100 mil leitores, quando, aliás, a nossa tiragem é de apenas dez mil exemplares”. (*A ESTAÇÃO*, 1883, p.52).

vários idiomas.

Ao lado dessa influência estruturante, que almejava indicar aos “distintos leitores”, especialmente ao público feminino, padrões comportamentais europeus considerados de bom grado e refinada educação, outras casas editoras e outros editores – de certo sintonizados com as necessidades e os jogos mercadológicos locais, ávidos de um público cativo e consumidor – também se empenharam na conquista de desenhistas, ilustradores e práticos de tipografia para compor suas oficinas de publicações e, claro, ficavam à espreita de inusitadas produções textuais, sejam de autores já consagrados ou, convenientemente, de promissores novatos para movimentarem seus emergentes negócios.

Atento às movimentações artísticas e culturais do seu tempo, o cearense Adolfo Caminha (1867/1897), autor do *Bom-Crioulo* (1895) sempre se mostrou interessado pelas caricaturas e pelas ilustrações publicadas nos periódicos da época, como a da Figura 2, feita pelo português Bordalo Pinheiro (1846/1905) e que ironiza o modo como, no Brasil, os compatriotas bem-sucedidos, com esteio econômico e social, se evidenciavam.



Figura 2 - Manoel Trinta-Tostões, caricatura de Bordalo Pinheiro.

Fonte: O Mosquito (1875, p.2).

Nas suas “Crônicas de Arte”, publicadas em *A Nova Revista*, periódico do qual foi editor, Adolfo Caminha chega a comentar a importância da caricatura e da ilustração e lamenta que os grandes desenhistas da época em atividade no Brasil sejam estrangeiros: além de Bordalo Pinheiro (1846/1905), o italiano Angelo Agostini (1843/1910) e o angolano Julião Machado (1863/1930). Receoso com mercado e preocupado com a difusão, nas suas *Cartas literárias*, no artigo “Editores”, lamenta a ausência no Brasil de um editor de porte, com o francês Georges Charpentier.²

2. Georges Charpentier (1846/1905), editor francês, responsável pelas edições de Émile Zola, Gustave Flaubert e Guy

[...] ao tempo em que o Naturalismo feria a sua campanha de morte contra a hipocrisia literária, foi ele, Charpentier, quem arregimentou Zola, Flaubert, os Goncourt, Daudet, e os outros revolucionários, em torno de si, à sombra da mesma bandeira; foi ele quem teve a inaudita coragem de os editar primeiramente, sem consultar o gosto da burguesia escandalizada, sem preocupações de lucro, arriscando-se a um prejuízo enorme, e, por outro lado, à má vontade pública. (CAMINHA, 1999, p. 124).

Assim, dentre as possíveis contratações almejadas pelos editores, ganhavam vez aquelas que apresentassem situações e assuntos de maior espectro popular, não raro com tendência escandalosa e polêmica, com potenciais chamativos pela própria origem e natureza dos temas abordados, capazes de movimentar as letras brasileiras, quer pela apaixonante posição de identidade e, conseqüentemente, de defesa que por ventura viessem a suscitar, quer pela mera e, por vezes, espezinhada detração.

As estratégias empresariais das casas editoras se arrojavam, em boa parte, pelo conhecimento da existência de facções ou grupos que, de modo corporativo e, muita vez, sectário, monarquistas ou republicanos, estabelecidos ou não, cultuados ou apenas tolerados, fncavam posições para manter certos privilégios ou ganharem alguns destaques em seus parques e, quase sempre, diminutos e elitizados polos de produção, bem como de relativo consumo: a Corte carioca (ainda na época do Império; depois, Capital Federal) e alguns núcleos provincianos, a exemplo do cearense, com o qual Adolfo Caminha se relacionou tempos antes de se radicar no Rio de Janeiro³.

Vale notar que, ao longo da segunda metade do século XIX, por dados oficiais, a população do Rio de Janeiro cresceu de exatos 266.466 habitantes em 1850 para 274.972, em 1872, atingindo a incrível marca de 811.433 habitantes na virada do século XIX para o XX (IBGE, 2010). Para as elites brasileiras, agora constituídas pelos remanescentes dos antigos fazendeiros, notadamente os cafeicultores, operantes em trocas e favores, e pela burguesia comercial e industrial em ascendência – articulando-se também os difusores de cultura, tanto europeia quanto nacional, os últimos anos do século XIX representaram um momento contrastante de inflexão econômica e social, com ações prósperas e falências fulminantes, simultaneamente às manifestações políticas em prol da Abolição e pelo fim da Monarquia.

Com a instauração da República, em 1889, a sociedade brasileira passou a viver episódios decisivos, em súpula: o governo provisório do marechal Deodoro da Fonseca e a crise do Encilhamento⁴; as tensões de Floriano Peixoto, o “marechal de ferro”, e a revolta da Armada

de Maupassant, entre outros. Ele também promoveu pintores impressionistas e, juntamente com sua esposa, Marguerite Charpentier, organizou uma significativa coleção de obras de arte.

3. Adolfo Caminha colaborou com o jornal “O Pão”, periódico da “sociedade de rapazes de letras e artes” denominada “Padaria Espiritual”, sediada em Fortaleza – CE, do qual fez parte desde a sua fundação em 1892, pelo o que indica seu artigo “Padaria Espiritual”, publicado em *Cartas literárias* (1895).

4. O Encilhamento: trata-se da política econômica em vigor no começo da República, destinada a contornar o problema da falta de dinheiro em circulação no Brasil e a incentivar a industrialização; no entanto, resultou num processo inflacionário, com a conseqüente quebra de empresas e falência de investidores. O nome é irônica referência ao ponto de partida do qual os cavalos disparam no turfe ou ao próprio ato de selar o cavalo para domá-lo.

(1893/94) – lembrando que Adolfo Caminha pertenceu à Armada Imperial, mas deu baixa, e que se posicionava como francamente republicano; o mandato de Prudente de Moraes, com a legitimidade civil do novo regime e a vergonhosa questão de Canudos (1895/97). Tais transformações contribuíram para um relativo desenvolvimento dos centros urbanos, especialmente do Rio de Janeiro e de São Paulo, e incrementaram, por assim dizer, o panorama sociocultural e econômico de uma parte de seus cidadãos – a que detinha certo lastro aquisitivo, incluindo prósperos imigrantes, sobretudo portugueses, franceses e ingleses, ligados ao comércio do café.

Após a morte do livreiro francês Baptiste-Louis Garnier (1823-1893) e a consequente diminuição do volume de publicações da afamada casa, aproveitando o momento, o português Domingos de Magalhães inaugurou sua Livraria Moderna, situada na parisiense Rua do Ouvidor, n. 54, com o objetivo de conquistar espaço comercial e com a inclinação de buscar novos e ousados escritores nacionais.

No longo artigo de Alves de Faria, publicado a 03 de dezembro de 1895, no *Comércio de São Paulo*, na coluna “Da Capital”, comentando as novidades do Rio de Janeiro, está o compromisso, a extensão das atitudes empresariais de Domingos de Magalhães: “Seu trabalho é já longo e medido. Dá por um lado os livros da mais fina flor literária atual e contrabalança-os com a publicação do panfleto – *Aos monarquistas* – obra muito venenosa, química perversa do Sr. Afonso Celso Júnior [...]” (ALVES DE FARIA, 1895, p.1).

A apreciação crítica de Alves de Faria é longa, mas fundamental para o entendimento das opiniões favoráveis e contrárias ao destacado livro de Adolfo Caminha, evidenciando as tretas tão partidárias e, por vezes, tão disparatadas dos núcleos e dos grupelhos literários, a começar, por exemplo de época, pela articulação do elenco dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras e, na posteridade, dos seus sucedâneos – e o ato de escolher sempre traz preterições: entre tantos.

BOM-CRIOULO: UM ROMANCE POLÊMICO

Do pequeno conjunto das obras de Adolfo Caminha, Domingos de Magalhães só não publicou o romance *Tentação*, de 1896, o último do autor e editado pela Laemmert.⁵ Em 1893, veio a público o romance *A normalista*, um ano depois foi a vez do livro de viagens *No país dos ianques* e, por fim, em 1895, o romance *Bom-Crioulo* e os ensaios críticos intitulados *Cartas literárias*.

Restringindo-se ao *Bom-Crioulo*, pode-se dizer que o romance foi recebido com arraigado senso de pudor por parte da crítica e de maneira sintomaticamente escandalosa pelos leitores de época – como esperado, e com frenesi de curiosidades. Foi tal a amplitude da repercussão, levando Alves de Faria a afirmar que o audacioso livreiro se postava como “valente e operoso”, capaz de atingir em cheio – isto é, indo “direto a um ponto certo, às barbas espantadiças do público, mesmo o inteiramente imberbe, por força de frase” (ALVES DE FARIA, 1895, p.1).

De modo conjuntural, os então recentes e penetrantes ecos dos postulados naturalistas

5. A tipografia dos irmãos Laemmert foi responsável pelas inovações nos processos gráficos no Brasil. O *Almanak Laemmert* ganhou fama como referência ao comércio e à indústria nacionais no final do século XIX.

– especialmente franceses e, particularmente, os de Émile Zola (1840/1902)⁶ – alicerçavam esteticamente o trívio dos anseios de parte dos brasileiros – a que tinha acesso à cultura: os interesses dos autores, os requisitos dos livreiros e as curiosidades dos leitores.

De maneira competente e corajosa – afinal, as ponderações se fazem por interesses e ajustes, cada qual com suas carências e premências – motivos até então inexplorados ou mesmo evitados vieram à tona e ganharam justificações artísticas, com crivos de caráter cientificista: doenças e enfermidades, desde um simples escarro ou vômito, passando por micoses ou atrofias ósseo-musculares, até as chamadas “apoplexias” e “histerias” – sejam lá o que de fato eram – até purgações venéreas; desvios comportamentais, como taras ou obsessões, fetiches – a exemplo da inesquecível fixação da Dona Felicidade pela “calva” do conselheiro Acácio, “larga, redonda, polida, brilhante às luzes”, n’*O primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós, que, num habilidoso e sugestivo jogo pronominal, continuava: “[...] uma transpiração ansiosa umedecia-lhe as costas, os olhos dardejavam-lhe, tinha uma vontade absurda, ávida de lhe deitar as mãos, palpá-la, sentir-lhe as formas, amassá-la, penetrar-se nela!” (QUEIRÓS, 2002, p. 35); ou os acentuados aspectos psicofisiológicos, tais os de João Romão n’*O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo – “apoderando-se, com os olhos, de tudo aquilo de que ele não podia apoderar-se logo com as unhas” (AZEVEDO, 1997, p.24) –; e, com bastante ênfase, os encaminhamentos marcados pela experimentação, sobretudo pelas previsões de cunho determinista.

Destacam-se, ainda, com grande constância nos livros sintonizados com as premissas naturalistas, as cientificistas aproximações entre o animalesco e o humano.⁷ No caso específico do *Bom-Crioulo* (1895), Adolfo Camila delega às personagens Amaro, Aleixo e Carolina, formadoras de um tenso e quizilento triângulo amoroso, características e comportamentos bestiais, como clarificam os trechos abaixo transcritos:

O negro Amaro é o *touro*:

Aleixo nesse dia estava de folga, e muito cedo, coisa de uma hora, veio à terra impelido por uma grande saudade que o fazia agora escravo da portuguesa. Receava encontrar Bom-Crioulo, ter de o suportar com seus caprichos, com o seu bodum africano, com os seus ímpetos de touro, e esta lembrança entristecia-o como um arrependimento. Ficara abominando o negro, odiando-o quase, cheio de repugnância, cheio de nojo por aquele animal com formas de homem, que se dizia seu amigo unicamente para o gozar. Tinha pena dele, compadecia-se, porque, afinal, devia – lhe favores, mas não o estimava: nunca o estimara! (CAMINHA, 1983, p.56, grifo meu)

Louro de olhos claros, nos seus quinze anos, o grumete Aleixo – assentou praça na Marinha

6. Referendando suas ideias, Émile Zola escreve os seus “artigos de combate, ou mesmo manifestos”, entre eles o do “romance experimental” (ZOLA, 1982, p.23-76).

7. A expressão zoomorfização parece inadequada e, de certo, ultrapassada; pois, na verdade, etimologicamente, as personagens não se transformam em animais ou, então, não assumem formas ou formatos respectivos. O que ocorre é uma adequação etológica, isto é, comportamental ou de simples ação animalesca, por vezes através de verbos onomatopéicos e embasados em símiles.

em Santa Catarina – é comparado a um *novilho* e a sua parceira, a velha portuguesa Carolina, muito experimentada em seus quarenta anos, conhecida como “Carolina-Bunda”, comporta-se como uma *vaca*:

D. Carolina chegava-se pouco a pouco, estreitando-o, colando-se-lhe num grande ímpeto de fúria lúbrica, de mulher gasta que acorda para uma sensação nova...

– Tu não podes comigo, disse trançando a perna sobre o joelho do Aleixo.

E envolvendo-o todo com o seu corpo largo de portuguesa rude:

– Dize lá: ficas ou não ficas?

O efebo teve um arranco de *novilho* excitado, e, segurando-se à cadeira com as mãos ambas, todo trêmulo agora, sem sangue no rosto:

– Fico!

[...] Bateu a porta e começou a se despir a toda pressa, diante de Aleixo, enquanto ele deixava-se estar imóvel, muito admirado para essa mulher-homem que o queria deflorar ali assim, torpemente como um animal.

– Anda, meu tolinho, despe-te também: aprende com tua velha... Anda, que eu estou que nem uma brasa!...

Aleixo não tinha tempo de coordenar ideias. D. Carolina o absorvia, transfigurando-se a seus olhos.

Ela, de ordinário tão meiga, tão comedida, tão escrupulosa mesmo, aparecia-lhe como um animal formidável, cheio de sensualidade, como uma *vaca* do campo extraordinariamente excitada, que se atira ao macho antes que ele prepare o bote...

Era incrível aquilo!

A mulher só faltava urrar. (CAMINHA, 1983, p. 47)

De modo sucinto, a precipitação da trama se dá quando, embarcado no encouraçado, submetido ao rígido controle disciplinar, e saudoso do amante, o Bom-Crioulo foge no “escaler das compras” para reencontrar Aleixo na pensão, o “sobradinho da rua da Misericórdia”. No entanto, sua ação é inútil – não consegue avistar-se e, por efeito, aplacar seus desejos. Embebedar-se e briga. É preso e chibatado. Pelo bruto castigo, Amaro é hospitalizado. Concomitantemente, Aleixo e Carolina tornam-se amantes. Amaro tenta contato por meio de um bilhete, escrito por um “rapazinho” do hospital – “Meu querido Aleixo...”, mas quem recebe o escrito é Carolina porque Aleixo encontrava-se embarcado. Ciente de que o grumete já expressa recusa pelo negro, possessiva, Carolina rasga o bilhete – prevendo algum entrevero. Há mais de um mês internado, o Bom-Crioulo acha-se no abandono. Resoluto, deixa o hospital e segue direto até o “sobradinho”. Ao tomar informações, o “português da padaria” declara: “Dizem até que está amigada com o pequeno”. No mesmo instante, irascível, o Bom-Crioulo vê Aleixo saindo da pensão de Carolina e, num átimo, precipita-se sobre ele: xingamentos, gritos e tumulto.

Que o romance *Bom-Crioulo* traz em suas páginas o relacionamento sexual entre dois homens é fato notório e alardeado. É, sem dúvida, um dos primeiros romances a tratar abertamente do homoerotismo masculino na literatura de língua portuguesa, fazendo par com *O barão de Lavos, do português Abel Botelho*, publicado em 1891.⁸ No Brasil, pela segunda metade da década de

8. Como o próprio Adolfo Caminha admite em seu artigo “Um livro condenado”, publicado em *A Nova Revista*, de

1880, o tema já está pautado em *Um homem gasto: episódio da história social do XIX século – estudo naturalista* (1885), do Dr. Lourenço Ferreira Leal (1850/1914), que assinou com as iniciais L.L. – no intuito de dissimular a autoria, e cuja segunda edição data de 1888 – demonstrando o interesse pelo assunto, e também no romance *O Ateneu – crônica de saudades* (1888), de Raul Pompéia. Além desses, *O cortiço* (1890), Aluísio Azevedo aponta a continuidade da relação homoerótica de Léonie, Pombinha e Senhorinha; e, em *A normalista* (1893), do próprio Adolfo Caminha, ocorre a cena em que Lídia Campelo ensina à normalista, Maria do Carmo, como as personagens d’*O primo Basílio*, Luísa e Basílio, tomam *champagne*: “Que porcaria! E assim também a tal “sensação nova” que Basílio ensinara à amante... não podia ser coisa muito asseada... [...]. Depois, as duas curvadas sobre o livro, unidas, coxa a coxa, braço a braço, passaram à ‘sensação nova’” (CAMINHA, sem data, p.28) - eis o trecho original de Eça de Queirós que propicia a intertextualidade: “[...] e ele quis-lhe ensinar então a verdadeira maneira de beber champanhe. Talvez ela não soubesse! [...] Tomou um gole de champanhe e num beijo passou-o para a boca dela. Luísa riu muito, achou ‘divino’; quis beber mais assim. Ia-se fazendo vermelha, o olhar luzia-lhe” – um cacófato sem precedentes. (QUEIRÓS, 2002, p.170).⁹

As múltiplas atividades e desempenhos no campo sexual das personagens desses romances revelam que as nuances passionais e os desdobrados desejos e prazeres transcendem os padrões cristalizados pelas normas e apontam outras possibilidades de encarar as alteridades.

No dia 22 de fevereiro de 1894, quase um ano antes da publicação do *Bom-crioulo*, uma nota na primeira página do *Correio Paulistano*, assinada pelo articulista que se autodenominava Satyro, antecipa o conteúdo do livro:

Alguns rapazes do norte aqui chegados pretendem também mimosear as letras com trabalhos de valor. Adolfo Caminha, que lavrou um tento com a publicação do seu primeiro livro *A normalista* já entregou aos editores um volume de viagens *No país dos ianques* e trabalha com perseverança numa bela obra que há de marcar muito mais do que aquele dois livros. Não que eles sejam inferiores a este último, mas porque vai ser uma novidade entre nós e parece-me até que no estrangeiro ainda não apareceu coisa que com ela se pareça. Intitula-se o romance *Bom-Crioulo* e é a descrição fiel da vida do marinheiro estudada por Adolfo Caminha com o cuidado meticoloso e a fina tática de observação que o caracteriza. (SATYRO, 1894, p.1).

Fazendo parte da estratégia de divulgação, a nota encaminha o livro para o bojo da estética naturalista, destacando o “cuidado meticoloso e a fina tática de observação que o caracteriza” (SATYRO, 1894, p.1), ou, por outras palavras, o aproximando dos postulados do “romance

1896: “Abel Botelho deu *O barão de Lavos*, quinhentas e tantas paginas de psicopatia sexual, e ainda merece o respeito e a admiração da sociedade em que vive, porque lá, em Portugal, há um critério firme no julgamento da obra d’arte”. (CAMINHA, 1896, p.40). Na narrativa de Abel Botelho, o triângulo amoroso é formado por D. Sebastião Pires de Castro e Noronha, o Barão de Lavos, pelo efebo Eugênio e a esposa do barão, Elvira.

9. Na continuidade de d’*O primo Basílio*, em sua função de amante, o analítico e afetado Basílio ensina o que talvez o marido de Luísa se recusava a fazer: “— Oh, Basílio! Ele torcia o bigode, muito satisfeito. Ensinara-lhe uma sensação nova; tinha-a na mão!” (QUEIRÓS, 2002, p.170, grifos do autor).

experimental” apregoados por Émile Zola nos seus escritos teóricos: em suma, ao invés do “por quê”, o registro do “como” se processam os fenômenos naturais. O apego de Adolfo Caminha à obra de Émile Zola é evidente em vários escritos, como no capítulo III de suas *Cartas literárias* (1895), dedicado ao mestre do Naturalismo e que se abre da seguinte maneira: “Quanto mais o leio maior é a minha admiração, maior o meu entusiasmo por essa obra colossal que vem, desde a Fortune des Rougon, estuando como um rio caudaloso e límpido, até ao Docteur Pascal, até Lourdes...” (CAMINHA, 1999a, p. 31).

Praticamente um ano depois, a edição de 12 de novembro de 1895 do jornal carioca *O País*, primeira página, e sem autoria evidenciada, apresenta uma nota acusando o recebimento de um exemplar do *Bom-Crioulo* – reiterando, pelo ato do envio, uma das estratégias de divulgação da Editora Moderna; diz a nota:

Cento e dezessete folhas de papel impresso, ligados entre si por mimoso laço de fita rósea, com o oferecimento de um *avant la lettre* do Sr. Domingos Magalhães, chegaram-nos às mãos ontem”.

Compõem essas folhas o novo romance de Adolfo Caminha de título *Bom-Crioulo*, cuja leitura ainda não pudemos fazer, razão por que dele não falamos, por ora, com a minúcia de que é merecedor.

Em breve diremos do *Bom-Crioulo* o que nos parece verdadeiro e justo (O PAIS, 1895, p.1)

À espera de posicionamentos a respeito do livro, nesses breves entretantos, é ainda Alves de Faria quem assume os esclarecimentos:

[...] o *Bom-Crioulo* é um livro naturalista, sobre a vida do mar e de marinheiros, na sua primeira parte. O estudo do caso, tal qual Caminha o faz, de um profundo vício que o grumete Aleixo tem e que Bom-crioulo possui, constituindo ambos os dois polos atrativo e passivo de uma libertinagem necessária na vida de bordo, por longos céus e mares extensos, é que faz o *clou* principal do livro.

Foi isto o que repugnou ao senso artístico do crítico da Notícia, levando ao exagero de, descompondo o livro, chamar o autor de grumete, sob a acrobática posição insinuante da frase (ALVES DE FARIA, 1895, p.1, grifos do autor).

Na sequência, o artigo de Alves de Faria, datado de 03 de dezembro de 1895 – portanto, posterior a outros pareceres já divulgados na época, afirma que o livro “apanha perfeitamente certas cenas e as descreve vivamente, por um processo instantâneo de fotografia”, expressando um “estudo minuciosíssimo do descrito, apanhado e surpreendido *d’après nature*” (ALVES DE FARIA, 1895, p.1). O articulista foca, então, no cerne do romance: “O caso de pederastia que o autor dá o *clou* do seu trabalho, repugna, porque é talvez ele o primeiro a explorá-lo entre nós, do modo porque o explora; mas a obra é naturalista e a pederastia se dá aí todos os dias” – chega a sugerir ao leitor um passeio noturno por pontos da cidade para presenciá-la. E, evidenciando o diz-que-diz das opiniões e julgamentos, de modo inusitado, mas crível, Alves de Faria alfineta até

mesmo um conluio entre o crítico Valentim de Magalhães e Adolfo Caminha:

E a coisa é tão forte, correram tantos boatos depois disso, dizia-se nos grupos de comentário desta imortal rua do Ouvidor tanta coisa à surdina, que a mim me passou pelos lábios um riso de descrédito.

A descompostura do crítico é tão ofensiva à obra do romancista, que eu estou inabalável na minha crença: - eles combinaram aquilo! Aquilo é obra de acordo! E desta certeza de um fato íntimo da vida *au jour le jour* de escritores nacionais e da capital federal, espécie de *reclame* disfarçado em verrina, máscara que se apega ao rosto da obra propositadamente para que ela faça o *can can* libidinoso do apetite público, concluo que o único roubado foi o ilustre Sr. V. de Magalhães como crítico, porque Adolfo Caminha, como romancista, fica inalteravelmente na sua primitiva posição de analista e de observador (ALVES DE FARIA, 1895, p.1, grifos do autor).

Seja como for, consoante ou não com a suposição do articulista, o fato é que nos últimos parágrafos do *Bom-Crioulo*, após o sórdido crime, transeuntes e locais fazem a notícia correr, numa propagação incontrolável e, certamente, acrescida de inverdades e maledicências:

Houve logo um fecha-fecha, um tumulto, um alvoroço. Trilaram apitos; vozes gritavam — rolo! rolo! e a multidão crescia no meio da rua, procurando lugar, empurrando, abrindo caminho, precipitando-se, formando um grande círculo de gentes ao redor dos dois marinheiros, invisíveis agora.

Os bondes paravam. Senhoras vinham à janela, comendo os cabelos, numa ânsia de novidade. Latiam cães. Um movimento cheio de rumores, uma balbúrdia! Circulavam boatos aterradores, notícias vagas, incompletas. Inventavam-se histórias de assassinato, de cabeça quebrada, de sangue. Cada olhar, cada fisionomia era uma interrogação. Chegavam soldados, marinheiros, policiais. Fechavam-se portas com estrondo.

Alguma cousa extraordinária tinha havido porque, de repente, o povo recuou, abrindo passagem, num atropelo.

— Abre! abre! diziam soldados erguendo o rifle.

[...] A rua enchia-se de gente pelas janelas, pelas portas, pelas calçadas. Era uma curiosidade tumultuosa e flagrante a saltar dos olhos, um desejo irresistível de ver, uma irresistível atração, uma ânsia!

[...] e a onda dos curiosos foi se espalhando, se espalhando, té cair tudo na monotonia habitual, no eterno vaivém (CAMINHA, 1999b, p. 80).

Em certos aspectos, a célere descrição parece prever a espetaculosa recepção do livro – um “eterno vaivém” de opiniões, tretas e elogios, identidades e desafetos, estratégias e interesses até entrar em regímen e se aquietar na “monotonia habitual” – e, com tom conformista, no esquecimento.

Na mesma *Gazeta de Notícias*, que estampou o necrológio do autor (Figura 3), dias depois, em 7 de janeiro de 1897, em longo e laudatório artigo, ao comentar o passamento de Adolfo Caminha, Frota Pessoa indaga aos seletos leitores: “Quem há por ai, no nosso meio tão frívolo e

egoísta, que possa avaliar em toda a sua extensão a tristeza dessa terrível tragédia que constituiu a vida dessa criança de 29 anos?” (FROTA PESSOA, 1897, p.2).

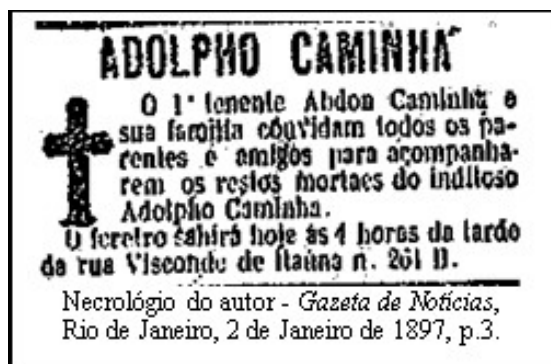


Figura 3- Necrológio de Adolfo Caminha.
Fonte: Gazeta de Notícias (1897, p.3)

E, com intimidade, Frota Pessoa desnuda as intenções e os percalços do cearense:

Ele todo vivia dessa aspiração suprema – dar um novo molde, mais sério e mais digno à *arte de escrever*, que entre nós tem uma outra denominação que não quero deixar aqui expressa.

E que revolta implacável e perpétua aninhou-se em seu cérebro de artista honesto, quando compreendeu-a estranha, a incurável corrupção que gangrena a nossa literatura.

Por querer reagir, numa luta insana e desesperada, é que ele sucumbiu, rechaçado impiedosamente, açoitado por todos que ele zurziu sem piedade, afoito e intrépido.

[...] Afrontando todas as conveniências, rompendo com todos os preconceitos, fustigou os culpados por nossa anemia intelectual e os perturbadores de nossa evolução literária.

Depois deu um livro que assombrou os covardes escrevinhadores dos contos de salão – *Bom-Crioulo*, um estudo vigoroso e são, arrojado e honesto, de uma surpreendente força de análise e uma nobreza clássica de estilo [...] (FROTA PESSOA, 1897, p.2, grifos do autor).

Para dar término a tão reveladora nênia, Frota Pessoa acrescenta a índole pouco gregária, reservada, e pouco influente de Adolfo Caminha sobre certas confrarias - e, talvez por isso - do “desconhecido”, mas desbravador e destemido amigo:

Quem era esse desconhecido? Ninguém o via, ele não fazia parte das camarilhas literárias nem sondava a opinião alheia para dizer o que pensava. Não procurou elementos de auxílio ou de apoio, antes deixou que o seguissem os que pensavam como ele. (FROTA PESSOA, 1897, p.2).

Por conseguinte, o que diz, então, o artigo de Valentim de Magalhães? Qual o seu tão crasso conteúdo, a ponto de Alves de Faria afirmar que se recusava a repetir as palavras usadas – “jamais

repetirei”?¹⁰ – a ponto de levantar as ditas e tidas suspeitas?

O ARTIGO DE VALENTIM DE MAGALHÃES

O estabelecido crítico Valentim de Magalhães, d’*A Notícia*, jornal carioca, na coluna “Semana Literária”, situada na primeira página da edição de 20 de novembro de 1895, de bate-pronto, dá o seu recado aos cativos leitores:

Encontro-me grandemente embaraçado para tratar de *Bom-Crioulo*, o último romance do Sr. Adolfo Caminha, que foi o livro da semana. E vou lhes dizer por quê.

Eu só teria dois meios de tratar deste livro: ou arrasá-lo com a descompostura mais severa, mais indignada, mais flamívoma que jamais se tenha desencadeado contra um livro imundo, ou escrever simplesmente as duas ou três linhas seguintes: “Do livro Bom-Crioulo, do Sr. Adolfo Caminha, nada direi, por julgá-lo indigno de que com ele se ocupe uma pena honrada”. (MAGALHÃES, 1895, p.1)

Na justeza da sua lógica, Valentim de Magalhães (1895, p.1, grifos do autor) acha resolução ao seu expressivo dilema:

Mas o primeiro processo daria como resultado fazer uma *rèclame* imensa ao romance, dado o conhecido mau gosto do público em devorar os livros torpes, que tresandam a pornografia, e o segundo, evidentemente o melhor, tem este inconveniente insuperável – deixar-me sem assunto para o folhetim. Se trato do livro, faço-o vender por que terei de descompô-lo; se não trato, adeus, lá se me vão o assunto único. Que entalção! Saio-me dela – tratando do *Bom-Crioulo*, mas de um modo tal que o leitor não se sinta com apetite para lê-lo.

Seus comentários mensuram a afetação e a soberba daqueles que se achavam como os baluartes da cultura e das artes no Brasil, se colocavam como guardiões e difusores das estéticas e das éticas - atuantes também nos dias atuais. Tendenciosos e traiçoeiros, os tais se servem de tacanhas articulações para manter posições e privilégios, com ambiguidades calculadas. Atrevido, Valentim de Magalhães coloca em dúvida “(?)” esse tipo de literatura. Qual tipo? De certo a dos outros, não a do “ramo” apreciada e praticada por ele mesmo:

O nosso público, como todos os públicos, mais ou menos, adora o gênero *fresco*, *grivois*, os contos picantes, as histórias decotadas até os tornozelos, os romances piscarecos (*vis*) e sádicos. Esse ramo de literatura (?) é mesmo o que se vende aqui melhor e com mais segurança. Há desses livros ignóbeis que se vendem há trinta, quarenta, cinquenta anos, em edições sucessivas, que escorrem secretamente e sem interrupção nos fundos escuros das livrarias (MAGALHÃES, 1895, p.1,

10. “O efeito das tantas páginas do livro, no meio hipócrita brasileiro, foi de repulsivos gestos e o Sr. Valentim de Magalhães foi eleito tacitamente *leader* das senhoras e dos cavalheiros honestos para vir pela *Notícia* dizer o que ele disse e que eu jamais repetirei” (ALVES DE FARIA, 1895, p.1).

grifos do autor, destaque meu).

Recolocando o foco no livro, Valentim de Magalhães mostra-se decomposto em sua apreciação, passando longe da elegância e da sutileza:

Ora o *Bom-Crioulo* excede tudo quanto se possa imaginar de mais grosseiramente imundo.

[...] É um livro ascoroso, porque explora - primeiro a fazê-lo, que eu saiba – um ramo de pornografia até hoje inédito por inabordável, por ante-natural (*sic*), por ignóbil. Não é pois somente um livro *faisandé*: é um livro podre, é o romance-vômito, o romance-poia, o romance-pus.

Li-o todo com uma paciência longânime e um desgosto profundo; por dever do ofício, como o operador que enterra os dedos num abcesso purulento e fétido (MAGALHÃES, 1895, p.1, grifos do autor, destaque meu).

O senso de Valentim de Magalhães (1895, p.1) descamba para agressões pessoais, aproximando pejorativamente autor e personagem, criador e criatura - vale a pena insistir na leitura do artigo:

Este moço é um inconsciente, por obcecação literária ou perversão moral. Só assim se pode explicar o fato de haver ele achado literário o assunto, de ter julgado que a história dos vícios bestiais de um marinheiro negro e boçal podia ser literalmente interessante.

Quando eu via anunciado – e por quanto tempo o foi! – esse *Bom-Crioulo*, imaginava que se tratava de um livro em que se fazia a apologia do negro brasileiro, em que se procurava reabilitá-lo como elemento etnogênico, pondo em evidência as suas qualidades psicofísicas. E venho encontrar unicamente um negralhão bronco, analfabeto, completamente instintivo, e aberrantemente vicioso. É a história desse homem inferior, depravado, repulsivo [...]

Valentim de Magalhães chega, então, ao cúmulo da ofensa pessoal, sem cogitar quaisquer possibilidades de imaginação por parte de Adolfo Caminha, limitando a produção artística a uma mera experimentação da realidade. Em dupla ação pejorativa (a que ele expressou para seu público e tempo e a diacrônica, aquela que, por reflexo sobre ele próprio, pode ser apreendida com a devida decantação e distância) evidencia-se o jogo especular, de frustrações e de desejos - afinal, é na alteridade que o ego se delinea e se situa:

[...] Não há dúvida que é um romance verdadeiro, *vívido*, este. O autor conhece admiravelmente a vida promíscua e nauseabunda da maruja de dia e de noite, - de noite principalmente, - a bordo de um vaso de guerra. Nada lhe escapa – a nomenclatura das velas, das cordas e dos instrumentos navais, as práticas de bordo, o calão da marinagem e as mínimas particularidades da sua vida íntima, miserável e aviltante, tudo sabe, tudo conhece, tudo reproduz. Isso lá é verdade. Provavelmente o Sr. Caminha já foi embarcação, talvez grumete como o seu

louro Aleixo – o que ignoro. Mas é de crer, à vista de tanta sabedoria náutica e marujal. (MAGALHÃES, 1895, p.1).

Por fim, ostentando-se de consciente, faz-se tão abrupto e aviltante quanto no início do artigo:

E basta. Afrouxo os dentes da pinça em que tenho conservado suspensa esta imundice e deixo cair o Bom-Crioulo no caixão do lixo: - que vá envenenar as ratazanas da ilha da Sapucaia.¹¹ (MAGALHÃES, 1895, p.1).

A nota anônima publicada no *Jornal do Comércio*, de 27 de novembro de 1895, depois assumida por José Veríssimo, traz o seguinte parecer:

O Sr. Adolfo Caminha é um romancista e crítico já vantajosamente conhecido no mundo das letras brasileiras. A sua proficiência nos tira todo o escrúpulo para falar da obra nova com inteira liberdade de apreciação. *Bom-Crioulo* é pior do que um mau livro: é uma ação detestável, literatura à parte. (VERRÍSSIMO, 1895, p.2)

E utilizando o mesmo expediente de Valentim de Magalhães, destaca que “o sentimento popular atribui às obras de arte uma semelhança com o seu autor” (VERRÍSSIMO, 1895, p.2), permitindo-se o estabelecimento de uma incógnita:

Como quer o Sr. Adolfo Caminha que seja respeitado e estimado um homem que, sem utilidade alguma social, passou longos dias ocupado em analisar e discutir a psicologia improvável de nauseantes crimes contra a natureza e tenta depois com isso despertar em nós o arrepio da curiosidade impura e mórbida? (VERRÍSSIMO, 1895, p.2)

O futuro autor dos *Estudos de Literatura Brasileira* (1916) é capaz de certificar pontos vindouros, de sorte que, “chegado à idade da razão e do respeito”, Adolfo Caminha “terá vergonha da incongruência literária que agora cometeu e que lhe será perpetuamente presente à memória, para humilhá-lo quando a admiração do obvio (sic) público o consagrar grande escritor” (VERRÍSSIMO, 1895, p.2).

E COMO REMEDIAR O QUE TRETEADO ESTÁ?

Em contrapartida, praticamente dois meses depois, no artigo intitulado “Um Livro Condenado”, de fevereiro de 1896, estampado n’*A Nova Revista*, em legítima e elegante reação – mas com ares resignados, Adolfo Caminha procura se defender dos ataques da crítica especializada,

11. A ilha da Sapucaia, a maior das 9 ilhas da enseada de Inhaúma, no Rio de Janeiro, funcionou como um depósito de lixo de 1893 a 1954, recebendo e acumulando detritos e entulhos de vários bairros. Desapareceu quando do aterro formando a Ilha do Fundão, na qual está localizada a Cidade Universitária, *campus* da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

tentando situar e justificar sua obra. Seus desafetos imediatos são Valentim de Magalhães (“diretor de uma Companhia de seguros”) e José Veríssimo (“chefe de um estabelecimento nacional de instrução”), pelos pareceres críticos veiculados e anteriormente citados:

Atualmente a crítica no Brasil, ou melhor, no Rio de Janeiro, está entregue ao diretor de uma Companhia de seguros de vida e ao chefe de um estabelecimento nacional de instrução, – o primeiro formado em direito econômico e administrativo, o outro doutorado em pedagogia. Daí, dessa curiosa amalgama, a sentença que condenou à execração pública o meu romance – BOM CRIOULO. Foi um verdadeiro escândalo o ato inquisitorial da crítica, talvez o maior escândalo do ano passado. Não houve quem não quisesse ler a obra mais caluniada de quantas de tem escrito neste país. O BOM-CRIOULO vendeu-se à guisa de cartilha de infância, com grande surpresa para o autor, que acreditava no poderio da crítica educadora. (CAMINHA, 1896 *apud* BEZERRA, 2009, p. 445)

Arrolando exemplos – Balzac; Flaubert; Zola, “esse monstro de gênio”; Huysmans; Maupassant; e Eça de Queirós - o autor não perde a oportunidade da comparação: “Enfim, todos os grandes escritores, todos os grandes artistas da palavra, renegaram a moral, chafurdaram na crápula, tornaram-se desprezíveis e indignos da consideração pública”. Na sua argumentação destaca:

[...] a ignorância dos que não enxergam além do convencionalismo de salão, muita vez porque se reconhecem na obra do artista e se julgam denunciados publicamente, daí o ódio contra quem teve a inaudita coragem de os estudar [...]”, procurando, assim, rebater a acusação de ter sido um grumete com o é a sua personagem: “a julgar como certos imbecis, – que os personagens de um romance devem refletir o caráter do autor do romance [...]. (CAMINHA, 1896 *apud* BEZERRA, 2009, p. 446)

E para justificar a abordagem científica empreendida na elaboração do polêmico romance, Adolfo Caminha refere-se a três estudiosos: o médico-legista francês, Ambroise Tardieu (1818/1879), e dois psiquiatras alemães, Richard von Krafft-Ebing (1840/1902) e Albert Moll (1862/1939),

Que é, afinal de contas, o BOM-CRIOULO?
Nada mais que um caso de inversão sexual estudo por Krafft-Ebing, em Moll, em Tardieu, e nos livros de medicina legal. Um marinheiro rudo, de origem escrava, sem educação, nem princípio algum de sociabilidade, num momento fatal obedece às tendências homossexuais de seu organismo e pratica uma ação torpe: é um degenerado nato, um irresponsável pelas baixezas que comete até assassinar o amigo, a vítima de seus instintos. (CAMINHA, 1896 *apud* BEZERRA, 2009, p. 446)

Pleno sabedor do seu processo de criação literária, ele reforça sua adesão ao estilo naturalista, evidenciando a verossimilhança da sua personagem até mesmo na “fala”, adequada ao ambiente

das ações comportamentais que ela pratica:

Em torno dele se espraia o romance, logicamente encadeado, de acordo com as observações da ciência e com a análise provável do autor, que, no caráter de oficial de marinha, viu os episódios acidentais que descreve a bordo.

Compreende-se também que, estudando um meio segregado da sociedade e naturalmente baixo, como esse em que vivem marinheiros de proa, não era lícito empregar a tecnologia convencional de um meio civilizado, *Bom-Crioulo* fala o calão de bordo. (CAMINHA, 1896 *apud* BEZERRA, 2009, p. 446-447)

E, assim, insistindo na amplitude da criação artística, na capacidade criativa, equaciona sua obra entre forma e conteúdo, entre estilo e tema. Está ciente de que a crítica reage “elogiando a forma do livro e condenando o tema”:

Agora, por que esses escrúpulos, essa fingida repugnância da crítica?

O naturalismo é a própria vida interpretada pela arte; e, sendo o romance a forma mais natural da arte claro está que só é imoral quando não apresenta caracteres da obra artística. Ora, andou-se a escrever que o BOM-CRIOULO “tem páginas excelentes, vigor de expressão, estilo claro...”, mas que o tema é baixamente (*sic*) repugnante. Logo, trata-se de uma obra em que só o tema é mau. (CAMINHA, 1896 *apud* BEZERRA, 2009, p. 447)

Sintonizado com o *Zeitgeist* do último quartel do século XIX, vibrando suas ideias e fantasias, procurando fixar-se como homem de letras, Adolfo Caminha questiona a complacente hipocrisia de parte da sociedade e da crítica, deixando escapar sua posição pessoal, um tanto rescaldada, mas cheia de ironias:

Qual é mais pernicioso: o BOM-CRIOULO, em que se estuda e condena o homossexualismo, ou essas páginas que ai andam pregando, em tom filosófico, a dissolução da família, o concubinato, o amor livre e toda a espécie de imoralidade social?

[...] Se a critica, ingênua e pudibunda, lançasse o olhar sobre o volume de Tardieu, que eu tenho na minha estante com umas gravuras horríveis e competentemente numeradas, representando *les desordres que produit la péderastie passive ou la sodomie...* não sei que gestos de náusea faria, cobrindo o rosto com a mão em leque...

E o autor do BOM-CRIOULO não desceu ao exame médico legal de Aleixo, porque então começaria a imoralidade da obra. Portanto, foi verdadeiro e leal como romancista que não quer, a pretexto de erudição, armar no efeito escandaloso (CAMINHA, 1896 *apud* BEZERRA, 2009, p. 447-448, grifos do autor).

De maneira contundente, sem disfarces, como aparenta ser de sua praxe, no artigo “Editores”, presente em *Cartas literárias*, Adolfo Caminha reflete suas próprias agonias artísticas, demonstrando suas inserções e seus relacionamentos públicos:

Incontestavelmente uma das causas que muito influem no ânimo de nossos escritores, obrigando-os ao recolhimento, à vida obscura de autores inéditos, a uma espécie de asceticismo literário duas vezes prejudicial, roubando-lhes o estímulo e amesquinhando-lhes o talento, é o monopólio, a ganância, a desenfreada ambição do elemento editor (CAMINHA, 1999a, p.119).

Na sequência, revela as suas próprias agruras socioeconômicas:

Não há por aí quem desconheça que o escritor brasileiro, na maioria dos casos, vive tristemente de um mísero emprego público, sem recursos de outra espécie, ocultando-se da sociedade para não ser visto com os seus trajes de boêmio à força, macambúzio, chorando suas necessidades, alimentando-se mal, contraindo favores, enquanto não lhe chega o minguado subsídio com que vai pagar aos agiotas que o socorrem durante o mês (CAMINHA, 1999a, p.119).

De índole reservada - ao que registram seus pares e conhecidos, casmurro e ensimesmado, mas extremamente determinado, Adolfo Caminha não teve tempo de desfrutar dos seus continuados empenhos, tanto nas atribuladas articulações familiares (sua coragem em assumir a amada, Isabel, anteriormente casada com oficial militar, perante a provinciana Fortaleza, e a conseqüente baixa forçada das fileiras da marinha, em 1889; a mudança do casal para a Corte, em 1892, e o tímido envolvimento com a *intelligentsia* da época; a criação e o provimento das filhas, Aglaís e Belkiss; o trabalho como funcionário público do Tesouro), quanto nas agudas e sentenciadas apreciações da sua produção literária.

A morte prematura pela tuberculose¹² – aos trinta anos de idade, incompletos - sinaliza suas deficitárias condições de vida e de intensas jornadas de trabalho, convergindo para um inopinado esquecimento nos anos subsequentes. No entanto, pelo desprendimento temático e pelo empenho em busca de um estilo próprio, a pequena - mas expressiva produção - de Adolfo Caminha, ainda que submetida a condições adversas de edições e de tretas críticas, nos entretantos de lá para cá, garantem uma sensação de permanência e de atualidade.

Num Brasil provinciano, recém-saído da escravidão e recém-entrado na República, Adolfo Caminha trata do relacionamento humano – ou da ontológica alteridade, com singular coragem. Coragem porque rompe limitações de preconceitos, ostentadas por correlações de força e de poder das mais variadas tonalidades e manifestações.

À revelia das escolhas envolvidas e de suas respectivas práticas, o amor se constitui - é inegável, um dos sentimentos que move o mundo. Humano, naturalissimamente humano.

12. Os registros do estudioso Sanzio de Azevedo elencam os poucos amigos presentes na hora extrema: Oliveira Gomes, o companheiro da *A Nova Revista*; os escritores simbolista, Nestor Vítor e Cruz e Sousa; e o crítico Frota Pessoa.

REFERÊNCIAS

A ESTAÇÃO: jornal ilustrado para a família. Rio de Janeiro: Livraria Lombaerts & Cia., v.XII, n.5, mar. 1883. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/709816/per709816_1883_00005.pdf. Acesso: 20/09/2019.

A ESTAÇÃO: jornal ilustrado para a família. Rio de Janeiro: Livraria Lombaerts & Cia., v.XXIII. n.5, mar. 1889. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/709816/per709816_1889_00005.pdf. Acesso: 20/09/2019.

ALVES DE FARIA. Da capital. *Comércio de São Paulo*, v. III, n.823 dez. 1895. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/227900/3336>. Acesso: 19/09/2019.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 30.ed. São Paulo: Ática, 1997.

AZEVEDO, Sanzio de. Adolfo Caminha e o Naturalismo. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*. Belo Horizonte, v. 14, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17851/2358-9787.14.0.85-93>. Acesso: 18/09/19.

BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. *Adolfo Caminha: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897)*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura acadêmica, 2009. 482 p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/wp4sh/pdf/bezerra-9788579830334.pdf>. Acesso: 21/09/2019.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3.ed. São Paulo, 1981.

CAMINHA, Adolfo. *Cartas literárias*. 2.ed. Fortaleza: UFC Edições, 1999a.

CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. 7.ed. São Paulo: Ática, 1999b.

CAMINHA, Adolfo. *A normalista*. Rio de Janeiro: Ediouro, sem data.

FROTA PESSOA. Adolfo Caminha. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, v.XXIII, n.7, Jan.1897. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/15560. Acesso: 20/09/19.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Typographia 72, v. V, n.3, jan. 1897. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_03&pasta=ano%20189&pesq=necrol%C3%B3gio&pagfis=15535. Acesso: 18/09/2019.

IBGE. *Censos demográficos do IBGE (1872-2010)*. 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>. Acesso: 17/09/2019.

MAGALHÃES, Valentim de. *A Notícia*, edição de 20 de Novembro de 1895, p. 01. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830380/899>. Acesso: 18/09/2019.

SATYRO. Do Rio. *Correio Paulistano*, São Paulo, v. XL, n.11, fev. 1894. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/15560.

bn.br/DocReader/090972_05/4989. Acesso em 17/09/ 2019.

O MOSQUITO. Rio de Janeiro: [s.n], v. VII, n. 327, dez.1875. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709654&pasta=ano%20187&pesq=&pagfis=1244>. Acesso em 17/09/2019.

O PAÍS. Rio de Janeiro: [s.n], v. XII, n. 4059, nov. 1895. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/14167. Acesso em 19/09/2019.

VERÍSSIMO, José. Imprensa. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, v. 73, n. 330, nov. 1895. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_08/19405. Acesso: 20/09/19.

ZOLA, Émile. *O romance experimental e o naturalismo no teatro*. Int., trad. Italo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1982.

Fernando Tadeu Triques

Graduado em Física - Teórico-Experimental pela Universidade de São Paulo (1984), Instituto de Física de São Carlos. É mestre em Estudos de Literatura pela Universidade Federal de São Carlos (2016) e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de São Carlos (2018). Atualmente exerce o cargo de professor de literatura no Ensino Médio nas cidades de São Carlos - SP e da região. E-mail: zebuino@gmail.com

Recebido em 10/03/2022.

Aceito em 20/04/2022.